



Por: Telma Almeida :: veterinária

*O meu cão Tejo, um Boxer com apenas dois anos, faleceu no mês passado, de morte súbita. Poderá ter morrido de ataque cardíaco?*

Os ataques cardíacos podem ocorrer em cães mas é uma condição rara. A causa de ataques cardíacos em pessoas deve-se a um impedimento da passagem do sangue em uma ou mais artérias coronárias (que são as artérias que alimentam e oxigenam o músculo cardíaco), resultando na morte da área do coração perfundida por esses vasos. O impedimento da passagem de sangue nesses vasos sanguíneos deve-se à aterosclerose, que é a acumulação de placas de colesterol que causam uma obstrução gradual dos vasos. Como a aterosclerose em cães é rara, não é correcto usar-se o termo ataque cardíaco. As causas de morte súbita com origem em patologias cardíacas no cão devem-se a arritmias ou a uma insuficiência cardíaca grave.

No caso concreto do Tejo, umas das hipóteses poderá ser uma cardiomiopatia, que é uma doença do músculo cardíaco em que podem ocorrer arritmias com taquicardia ventricular, que pode levar a uma fibrilhação ventricular culminando em paragem cardio-respiratória.

No Boxer, a cardiomiopatia pode manifestar-se apenas sob a forma de arritmias ou sob a forma de cardiomiopatia dilatada, em que, neste caso, os ventrículos e os átrios estão dilatados e o músculo cardíaco perde a sua força de contracção, resultando numa insuficiência cardíaca.

A cardiomiopatia dilatada surge em mais de 90% dos casos em cães de raça pura e é rara em rafeiros. A predisposição em certas raças e em certas famílias apoia a hipótese de que existe



uma causa genética. As raças predispostas são as de grande porte ou gigantes como o Dobermann, Boxer, Labrador, Terra Nova, São Bernardo, Grand Danois, Cão de Água e Serra da Estrela. Também pode ocorrer em Cockers. Manifesta-se geralmente em cães de meia-idade, por volta dos 6 anos, mas pode ocorrer em idades precoces, logo nos primeiros anos de vida.

Esta doença tem uma fase oculta, que pode ser longa (dois a quatro anos), em que o animal não manifesta sintomas. A doença é progressiva e manifesta-se normalmente de uma forma abrupta, em uma a duas semanas.

Quando se manifestam, os sintomas estão relacionados com uma insuficiência cardíaca, e são: dificuldade respiratória; tosse; 'barriga de água', síncope, intolerância ao exercício físico, perda de apetite, perda de peso e letargia.

O prognóstico quando a doença se manifesta com sintomas de insuficiência cardíaca é mau. Alguns cães que sobrevivem à manifestação inicial vivem em geral, mais seis a 12 meses, com tratamento médico.

*Tenho um Grand Danois com um ano e meio e avisaram-me de que há o risco de ele fazer uma torção de estômago. Como é que isto acontece e como posso evitá-lo?*

A torção de estômago, também designada por dilatação gástrica-volvo, resulta da acumulação de gás, fluidos e comida no estômago, que vão provocar uma dilatação exagerada do mesmo, o qual, por razões não completamente compreendidas, vai depois sofrer uma torção ou volvo. A dilatação gástrica pode ocorrer sem torção e é menos grave.

No caso de torção, o gás acumulado não pode sair do estômago e este sofre uma distensão cada vez maior atingindo uma dimensão exagerada. Com a torção, a circulação sanguínea dos órgãos abdominais fica comprometida. A torção gástrica é uma situação de emergência médica e o animal pode morrer se não for assistido em poucas horas.

Os factores que contribuem para a dilatação gástrica são, entre outros, o exercício físico após a alimentação e comer em demasia. Os cães de grande porte e de peito profundo que tenham mais de dois anos, são os que correm maior risco de torção. As raças mais comumente afectadas são Grand Danois, São Bernardo, Weimaraner, Greyhound, Pastor Alemão, Labrador e Setter.

Os donos dos cães das raças susceptíveis devem ter conhecimento dos sinais da doença, porque um tratamento imediato torna o prognóstico mais favorável.

Os sinais de torção de estômago são ansiedade, tentativas de vômito não produtivas, distensão abdominal, hipersalivação e respiração rápida. O animal pode apresentar-se fraco, em colapso ou comatoso, consoante o grau de choque.

A maior causa de risco de vida associada à torção é o estado de choque, que surge devido à compressão de estruturas vasculares importantes que irrigam os órgãos abdominais. A redução da

perfusão dos tecidos e órgãos conduz a situações de isquémia (falta de irrigação) desses órgãos que pode resultar em necrose/morte dos mesmos, arritmias cardíacas e alterações da coagulação.

A prioridade no tratamento da torção é a estabilização cardiovascular, através da administração de fluidos endovenosos para reverter o choque. É igualmente importante descomprimir o estômago, removendo o ar aí acumulado. Segue-se a cirurgia que consiste em colocar o estômago na sua posição anatómica, remover órgãos ou tecidos que estejam lesados e fazer a gastropexia, que é a fixação do estômago para prevenir que este volte a torcer. Mesmo com tratamento, 25 a 30% dos cães morrem.

São recomendadas algumas medidas preventivas para reduzir a probabilidade do cão fazer uma torção, por exemplo: dar-lhe mais do que uma refeição por dia, e em doses menores em vez de uma refeição muito grande; não permitir o exercício até duas horas após a refeição; ter sempre água disponível mas restringi-la logo após a refeição.

Os prós e contras da gastropexia preventiva (cirurgia de fixação do estômago antes que este sofra a torção), devem ser discutidos com o seu veterinário, sobretudo se tem um Grand Danois, raça onde esta patologia ocorre mais frequentemente. 🐾